

## O CONTEXTO E IMPLÍCITOS NA PRODUÇÃO DE CARTUNS DE ZIRALDO E MILLÔR FERNANDES\*

José Antônio Leal Lemos<sup>i</sup>

Maria Enísia Soares de Souza<sup>ii</sup>

**Resumo:** A intenção deste artigo é analisar cartuns de Ziraldo e de Millôr Fernandes, considerando especificamente os recursos linguísticos reconhecidos pela semântica como contexto de produção e implícitos. O interesse pelo assunto se justifica nas possibilidades diversas de análise da linguagem desse tipo textual, uma vez que, sendo econômica em palavras, deixam ao leitor aberturas interpretativas, causadas pelos subentendidos, pela época de facção e pela combinação entre a tessitura verbal e a não-verbal. Como estratégia discursiva, registramos aspectos históricos do surgimento do gênero textual, para então, abordarmos aspectos da linguagem em textos dos referidos autores. Os resultados esperados dizem respeito à ampliação de nossa capacidade de lidar, manipular e compreender o texto como um acontecimento, como um evento que traz outros eventos, pertencentes ao mundo real e ao mundo imaginário de quem o produz.

**Palavras-chave:** Cartuns. Ziraldo. Millôr Fernandes. Contexto. Implícitos.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze cartoons by Ziraldo and Millôr Fernandes, specifically taking into account the linguistic resources acknowledged by semantics as production and implicit context. The interest in the subject is justified in the diverse possibilities of language analysis for this text type, seeing that, because they are economical in words, they provide the reader with interpretative alternatives, caused by sub-understandings, by the faction era and by the combination between the verbal and non-verbal texture. As a discursive strategy, we recorded historical aspects about the language in texts of the aforementioned authors. The expected results refer to the enlargement of our capacity of dealing with, manipulating and comprehending the text as a fact, as an event which brings out other events, which belongs to real world and to the imaginary world of whoever produces it.

**Keywords:** Cartoons, Ziraldo, Millôr Fernandes. Context. Implicit.

### INTRODUÇÃO

O surgimento do cartum tem data na história: 1841. Nesse ano, uma revista inglesa chamada *Punch* começou a publicar cartuns com regularidade. As pessoas gostaram e a ideia seguiu adiante. Esse tipo de texto começou, então, a aparecer

também em jornais, nas páginas reservadas a comentários e críticas de acontecimentos que circulavam com muita rapidez.

No Brasil, o cartum tornou-se muito popular. O principal cartunista que contribuiu para isso foi Ziraldo<sup>iii</sup>, com a revista *Pererê*, que abordava problemas políticos e sociais do Brasil. Mas ele não foi o único. Antes e depois de Ziraldo desenhistas criaram cartuns para comentar situações objetivando a conquista do riso. Para se compreender um texto em forma de cartum é preciso de um prévio conhecimento do que se passa a nossa volta, principalmente sobre política, cultura e celebridades.

Como nossa pretensão é tratar o contexto e os implícitos que estão por trás desse gênero textual, escrito com linguagem verbal e não verbal, interessa-nos também conhecer o contexto histórico e social de circulação dos cartuns, para então analisarmos os recursos da linguagem nos produzidos por Ziraldo e do acervo do eterno cartunista e humorista Millôr Fernandes<sup>iv</sup>.

A escolha desse gênero como objeto de estudo é baseado em duas principais razões: a primeira é que o gênero cartum cabe nos objetos de análise dentro das perspectivas atuais da Teoria do Texto; a segunda é o fato de que, na produção do cartum, utiliza-se como elemento chave a composição não verbal, podendo ser verificada a presença da linguagem verbal. É a presença da imagem – com características específicas, associada à palavra, ao dizer - que também nos interessa – que faz com que esse gênero seja reconhecido como tal.

Nesse sentido, salientamos que é o funcionamento da parceria entre o não-verbal e o verbal que permite recuperar os parâmetros situacionais de ação da linguagem em curso, trazendo informações sobre personagens, grupos ou instituições e sua relação com o contexto em que estão inseridos. Desse modo, compreender o funcionamento comunicativo do cartum implica descrever as relações que se estabelecem entre parceiros, numa dada interação, bem como caracterizar outros parâmetros do contexto físico e subjetivo identificando os recursos formais da língua, através das quais esta interação se manifesta.

## **1 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DO CARTUM**

No livro *Aprenda a desenhar cartuns* (MORETTI, 2012), há o registro do contexto histórico e surgimento desse gênero. Segundo o autor, o *cartoon* começou

na Inglaterra quando o príncipe Albert Saxe-Goburgo-Gota (1819-1861) foi nomeado presidente da Comissão Real de Belas Artes. Sua Alteza, para redecorar ao Palácio de Westminster, chamou vários artistas e encomendou *cartoons* para os murais. Numa exposição aberta ao público, em 1843, os *cartoons* foram satirizados pelos visitantes; e a revista semanal *Punch* (Soco) não perdeu a oportunidade de atingir os políticos de Westminster publicando sua versão parodiada do gênero, particularmente os de John Leech. A partir daí a palavra *cartoon* ficou ligado às cenas cômicas.

No Brasil, o cartum apresenta duas subdivisões: a charge e a tira cômica. Para Riani-Costa (2002), a principal diferença é o fato de o *cartoon* ser considerado atemporal. Isto é, a compreensão é possível em qualquer tempo. Assim, os temas são mais gerais, sem fazer referência a um conteúdo temático específico, e, também, sem haver presença de personagens conhecidos no meio social, político e cultural. Já a charge traz temas baseados em fatos reais, atuais, que tenham acontecido recentemente na política, economia, cultura, etc. É possível encontrar um desenho de alguma personalidade reconhecida como, por exemplo, de um determinado político. No campo do humor gráfico, ainda é reconhecido pelo meio profissional da atividade humorística (como, por exemplo, exposições) uma terceira categoria, a caricatura. A função principal da charge é retratar personalidades reconhecidas, privilegiando alguma característica física do indivíduo retratado, não havendo uso do verbal. No geral, os *cartoons* podem conter caricaturas. Em Portugal, não há subdivisões do gênero. O termo integra tanto a charge, como a tira cômica, como também a caricatura. Assim, a função comunicativa do texto desse tipo na sociedade passa pela crítica humorística retratada como humor gráfico. Frisamos ainda que, no *cartoon*, sempre haverá imagem que pode estar aliada a textos verbais.

Rabaça e Barbosa (2002, p. 112), no *Dicionário de Comunicação*, definem *cartoon* como uma anedota gráfica que tem o objetivo de levar ao riso por meio de uma “crítica mordaz, satírica, irônica e principalmente, humorística, do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos seus hábitos e costumes”. Segundo esses autores, na composição do *cartoon*, podem ser colocados balões, subtítulos, onomatopeias e a divisão da cena em quadros, à semelhança das histórias em quadrinhos. Ainda esclarecem que é o texto, de modo geral, de

natureza política. Além disso, esses autores clarificam que é essencial o conhecimento prévio do leitor para a compreensão desse gênero.

Para se entender melhor o significado da palavra *cartum*, Moretti no livro *Aprenda a desenhar cartuns* diz que:

A palavra *cartum* vem do italiano *cartone* e significa gabarito de papelão para esboçar desenhos em murais. Para os ingleses, *cartoon*, identificava cartão ou papelão duro. *Cartoonist* era o desenhista de cartazes, forma de anúncios retangulares ou quadrados impressos num só lado de papel. Qualquer desenho feito em papel duro era um *cartoon* (MORETTI, 2012, p.10).

Desde o surgimento do gênero, esse tipo de texto tem sido utilizado com a mesma intenção comunicativa, a de, com poucas palavras e imagens criativas, contextualizadas a um tipo de evento histórico, fato social ou político fazer crítica, provocar riso e, por que não dizer convidar o leitor a fazer reflexões. É o *cartum*.

... uma piada desenhada que não se prende a épocas, locais e seus personagens são precisam ser permanentes. Podem ser objetos, animais figuras humanas caricaturas e expressar pensamentos e ações em forma de crítica política ou de costumes, esportiva, religiosa, social. E diz ainda. O *cartum* típico tem personagens universais: bruxas, verdugos, caçadores, pescadores, astronautas, marcianos, sogras, figuras reconhecidas de imediato pela maioria das pessoas (MORETTI, 2012, p. 11).

Fazer piada não é tarefa fácil, considerando a sua característica com marcas de humor e, no caso específico, piada com poucas palavras e com a associação da linguagem não verbal. Desenvolver um *cartum*, nesse sentido, requer visão ampla e poder de síntese.

O material que tem servido de suporte ao gênero tem sido os livros didáticos, artigos de jornais, revistas, capas de CDs e DVDs, cartazes de anúncios, displays, folders, transparências, camisetas, embalagens de jogos dentre outros.

## **2 ASPECTOS DA LINGUAGEM – CONTEXTO E IMPLÍCITOS**

Para entender o *cartum*, é preciso perceber a interação do leitor/receptor com o contexto do desenho. Para que isso aconteça, o autor deve recorrer a recursos da linguagem na construção de sentido, elementos que definem sua real mensagem. O implícito está diretamente ligado aos *cartuns*, pois o autor utiliza estratégias como “sinalização” textual para que o leitor, que expressará seu conhecimento prévio, será

levado a recorrer ao contexto sociocognitivo, seus conhecimentos intertextuais e outros recursos para a interpretação do cartum. Visto que

Não podem existir textos totalmente explícitos, o produtor de um texto precisa proceder ao “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, por ser recuperável via inferenciação a partir das marcas ou pistas que o locutor coloca no texto ou do que é suposto por este como conhecimento partilhado com o interlocutor (cf. Nystrand & Wiemelr, 1991; Marcuschi, 1994). Na verdade, é este o grande segredo do locutor competente (KOCH, 2005, p. 42).

O autor de cartuns procura deixar pistas, não escancarar seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais para a construção dos sentidos. Assim, o enunciado passa a ser considerado como uma série de pontos de deriva, pontos que, linguisticamente possível, oferecem lugar à interpretação. Ele – o texto – pela leitura é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Depende de cada interpretação ou das mais variadas maneiras de se interpretar. Sendo assim, o lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos.

Nos cartuns, os sentidos e os sujeitos se constituem num processo em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equivoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes. Os sentidos dos cartuns podem ser ilustrados através da metáfora do *iceberg*:

... todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacentes. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais (KOCH, 2005, p. 30).

Não é a ponta do *iceberg*, o que está à mostra, que é interessante, mas as áreas imersas, o que está subentendido, nas linhas e frases do texto. Aqui lembramos o que dizem Ilari e Geraldi (1990, p. 75) sobre o assunto. Implícitos e implicaturas se confundem. São implicaturas casos em que uma expressão, sem prejuízo de sentido, assume significação real resultante da exploração de informações e expectativas dos interlocutores engajados numa conversa específica, o sentido que a expressão assume, então, no contexto de fala, pouco ou nada tem a ver com o sentido que se poderia esperar para a expressão a partir de palavras que a compõem.

Os autores entendem as implicaturas a partir das ideias do Filósofo Paul Grice a propósito dos fenômenos conversacionais, que obedecem a uma lógica própria, expressa por “regras conversacionais”, como “seja breve”, “relevante” ou tão informativo quanto o exigido no momento da conversação (Idem).

Os implícitos, circunstancial ou convencionalmente veiculados na conversação e, muitas figuras de linguagem, podem ser analisados como implicaturas, que também são entendidas como acarretamento e a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional.

Vale dizer que:

A problemática do implícito abre para as leis do discurso para as regras que governam tacitamente os intercâmbios discursivos. Apoiando-se nelas e na situação de enunciação, os co-enunciadores conseguem captar uma boa parcela dos conteúdos implícitos, no caso, os **subentendidos**. Em compensação, o outro grande tipo de conteúdos implícitos, os **pressupostos**, inscreve-se na estrutura do enunciado, independentemente de seus contextos de emprego (MAINGUENEAU, 1996, p. 91) [grifo do autor].

Nesse sentido, promover a especificação das implicaturas convém estabelecer uma comparação com as pressuposições, percebendo uma importante diferença: o conteúdo pressuposto, quando, por exemplo, as implicaturas exigem o conhecimento do contexto da construção linguística, já as pressuposições, o entendimento de intenções, são elas que contam.

A literatura encontra o implícito em dois níveis: na representação das palavras dos personagens (tanto no teatro quanto na narração), mas também na comunicação que se estabelece entre obra e seu destinatário (MAINGUENEAU, 1996, p. 89).

No nosso caso, são as representações de implícitos nas configurações de personagens dos cartuns de Ziraldo e Millôr que nos interessam. É na estrutura do enunciado dos textos que aparecem, de acordo com o emprego da linguagem, subentendidos ou implícitos, bem como outros princípios semânticos que, ainda que não seja o nosso principal interesse contribuirão para percebermos melhor o que pretendemos estudar, conforme podemos verificar no cartum a seguir.

**Cartum 1 - Confissão**



Fonte: <http://sintesenuaecrua.blogspot.com.br/2012/03/millor-fernandes-algumas-obras-dele.html>.

Aqui subentendemos que há a ideia de julgamento, de que as contravenções cometidas – golpe da mandioca e o assassinato do procurador - não sejam crimes, o que implica dizer que há no cartum uma crítica às formas jurídicas no país.

Neste outro material, fica ainda mais fácil compreender tanto os implícitos como o contexto de sua produção.

## Cartum 2 - Remodelo de mascotes do Corinthians, Mosqueteiro e Mosquetinho



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians>.

Nesta amostra de Ziraldo, percebemos a correlação que ele faz da frase no vidro traseiro do carro com a torcida Fiel do Corinthians, insinuando que Deus é um dos torcedores do clube paulista. Isso nos leva a recorrer a Maingueneau (1996) que pergunta e ele mesmo responde.

Por que o implícito? Se a linguagem é um instrumento de comunicação, pode surpreender ela recorrer com tanta constância ao implícito. A

existência do pressuposto está manifestadamente vinculada a princípios de economia; a comunicação seria impossível se não se propusesse como adquirido um certo número de informações a partir das quais é possível introduzir novas. É para os subentendidos “intencionais”, isto é, para aqueles em que o enunciador provoca a decifração no co-enunciador, que a resposta parece menos evidente (MAINGUENEAU, 1996, pp. 93-94).

Sendo o cartum constituído por linguagens, ele é passível de decifração pelo leitor, a quem imitamos Maingueneau e dizemos ser um co-enunciador responsável pela leitura e pela compreensão dos subentendidos presentes no texto. Há, então, de uma maneira interessante certa abertura para que o co-enunciador possa interferir, encontrar ideias, fazer pressuposições, “desvendar” o contexto de produção e os implícitos do texto lido.

Por falar em pressuposição, mais uma vez recorremos a Maingueneau (1996) que diz ser uma espécie de interferência. Vejamos a seguir o que diz o autor:

A definição de pressuposto como uma interferência inscrita no enunciado independentemente da variedade de seus eventuais contextos enunciativos supõe que seja feita uma distinção entre dois níveis de conteúdo de um enunciado: - um nível de primeiro plano, que corresponde ao que se refere o enunciado: o **posto**; - Pressupor é iniciar interferência no texto, é atribuir sentido, é perceber o que há de óbvio e o que não é ou está posto expressamente, mas implicitamente. um nível no plano de fundo, sobre o qual se apóia o posto: o **pressuposto** (MAINGUENEAU, 1996, p. 95) [grifo do autor].

Esse pressuposto estudado por Maingueneau (1996) pode, em outras palavras, a abertura de interferência de leitor sobre o escrito, de tal modo, que ele – o leitor, dinamiza o texto, cria sentidos, vitaliza o posto e o pressuposto, segundo a sua visão de mundo, o sua consciência e suas crenças.

Os sentidos e os sujeitos se constituem em processo em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes (ORLANDI, 2000, p. 60).

As transferências são de possibilidades inúmeras, não há controle nem fronteiras. Depende do conhecimento de mundo do leitor, da relação que ele tenha com a leitura e com o universo de informações sobre o que o rodeia. Naturalmente que a interpretação assume níveis. O que está posto textualmente traz um certo “deixar-se” manipular, um certo tom de manipulação pelo leitor, que, no caso, pode ser chamado de desvelador de significados.

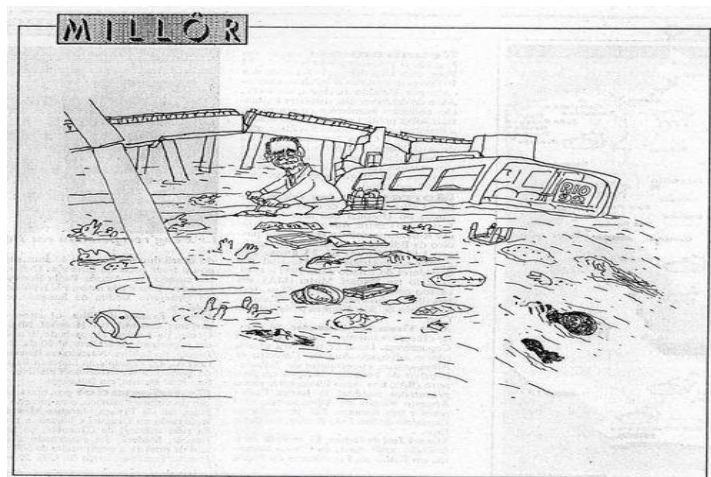


Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os agentes de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Entende-se por situação do texto o conjunto de elementos que levaram o texto a acontecer, seria o antes e o durante a escrita, o que levou o texto a ser produzido. A atuação cognitiva está relacionada ao pensar o texto, às escolhas de ideias e forma de expressão, como e porque deve ser materializado o pensamento. Nesse aspecto, quem produz um texto pensa nos possíveis leitores e na reação desses. Quanto ao fator sociocultural, a sua evidência, no texto, aparece pelas referências a espaços, grupos sociais, em citações de nomes e pensamentos que caracterizem pessoas. Por último, a interação, marcada, quase sempre, pelo estabelecimento de diálogo entre aqueles que pelo texto se comunicam.

O texto de Millôr Fernandes que se segue pode representar o que estamos dizendo, ainda que não traga linguagem verbal. Podemos começar contextualizando a imagem – linguagem não verbal - com as enchentes em diversos lugares do Brasil, especialmente em início de ano, quando as grandes cidades, aqui lembramos Rio de Janeiro e São Paulo que são acometidas pela fúria da natureza. A imagem representa as possibilidades de transferências de sentido.

### Cartum 3 – Enchente



Fonte: <http://www.jb.com.br/fotos-e-videos/galeria/2012/03/28/veja-desenhos-e-textos-de-millor-fernandes-no-jornal-do-brasil>.

Naturalmente que a interpretação assume níveis. O que está posto textualmente traz um certo “deixar-se” manipular, um certo tom de influencia do leitor que, no caso, pode ser chamado de desvelador de significados.

Dependendo se são colocados em um outro nível, os conteúdos não recebem absolutamente o mesmo estatuto interpretativo. Se os *postos* são apresentados como aquilo ao que se refere a enunciação e portanto submetidos a uma contestação eventual, os *pressupostos* lembram de maneira lateral elementos cuja existência é apresentada como óbvia. Essa dissimetria é capital, permite focalizar a atenção sobre o posto e “fazer passar” discretamente o pressuposto. Decerto os pressupostos são necessariamente utilizados para finalidades manipuladoras, mas é inegável que oferecem essa possibilidade (MAINGUENEAU, 1996, p. 95).

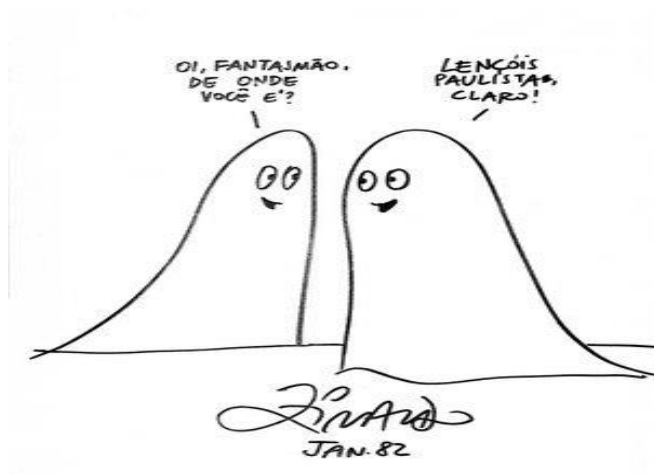
É o jogo de comunicação elementar para operar os sentidos e completar o esquema comunicativo. Esquema esse que traz o discurso, o dito e o interpretável, semanticamente.

A informação semântica contida no texto distribui-se, como se sabe, em (pelo menos) dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido. A afirmação dada – a aquela que se encontra no horizonte de consciência dos interlocutores (cf. Chafe, 1987) – tem por função estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte da informação nova (KOCH, 2005, p.28)

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os agentes de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Ziraldito trabalha essa situação no texto abaixo.

#### Cartum 4 – A conversa



**Fonte:** <http://espacoculturalcidadedolivro.blogspot.com.br/>

Este cartum foi dedicado ao jornalista, escritor de contos, novelas, romances e ensaios, Orígenes Lessa (1903 – 1986) com referência a Lençóis Paulista, sua cidade natal, Lessa é visto como um dos nomes consagrados na literatura juvenil brasileira. Sua importância foi tamanha que em 9 de julho de 1981 ocupou a Cadeira número 10 da Academia Brasileira de Letras.

Só é possível a interação com o texto após um conhecimento prévio dos fatores que o mesmo aborda, no caso acima, foi tratada a morte de Orígenes. Seguindo na linha de pensamento podemos ver que a cidade natal foi preservada, nos levando a acreditar na importância do escritor para a cidade paulista. Apesar do mesmo ter falecido no Rio de Janeiro aos 83 anos.

Se considerarmos esse texto e as informações sobre Orígenes Lessa, diríamos que a leitura de cartuns sem o contexto, sem o tempo que foi elaborado, não é possível a um leitor produzir “sentidos verdadeiros”. Isso comprova que o texto possui “janelas”, abri-las é papel do leitor que tenha a força para fazê-lo. Isto é, são os hipertextos, os quais devem ser abertos pelo leitor com seus conhecimentos de mundo, com suas informações, suas habilidades de leitura e seu “capital cultural”. Ler, nesse sentido, implica envolvimento do todo do leitor, implica um ir e vir de mundos do leitor. Um buscar e levar de informações para o texto e fora dele. Ler é, em síntese, mobilizar, circunstanciar, vitalizar, ressuscitar o que no texto está em “estado cadavérico”, antes do toque, antes do acesso do leitor à sua materialidade.

### **Cartum 5 – Censura**



**Fonte:**[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/03/noticias/a\\_gazeta/dia\\_a\\_dia/1169198-millor-outro-genio-se-vai.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/03/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/1169198-millor-outro-genio-se-vai.html)

Millôr utilizava-se da linguagem até em momentos mais difíceis da história. Fundando em 1969 em parceria com vários jornalistas brasileiros. *O Pasquim*, um semanário alternativo brasileiro, de característica paradoxal, teve edições entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991. Uma das finalidades do jornal era o uso do humor inteligente na exposição de visões. Tudo isso nas entrelinhas. Reunir reflexões, posicionar pontos de vista, propor soluções, juntar denúncias, oposição ao regime militar, e claro, “rir da própria desgraça”.

Com esse contexto do regime militar, quando qualquer expressão de cunho jornalístico contra o sistema era censurada, Millôr deixa claro que o sentido de um texto está além do que somos capazes de enxergar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Encerrando a abordagem, dizemos que o sentido de um texto é resultado de uma construção pautada na interação, como diz Koch (2005), entre textos-sujeito (ou texto-co-enunciadores). Em outras palavras, não se pode dizer que o sentido de um texto se efetive sem que preexistisse essa interação.

O projeto de dizer, nos cartuns, não é diferente de outros projetos discursivos. Quando um redator coloca seu plano, recorre a uma série de estratégias de organização textual de forma a orientar o interlocutor, por meio de sinalizações textuais para a construção dos (possíveis) sentidos. Indica as possibilidades de aberturas de “janelas” interpretativas. É o que fazem os dois cartunistas aqui apresentados e, digamos, com certa maestria, organizam seu material linguístico utilizando estratégias tais, representadas nas escolhas feitas entre as diversas possibilidades de formulação que a língua lhes oferece, de tal sorte que eles – Ziraldo e Millôr Fernandes, pelo resultado do material, estabelecem limites quanto às leituras possíveis. Cabe ao leitor, então, perceber esses limites pelo contexto e pelos implícitos.

Nesse sentido, recorreremos, mais uma vez, a Koch (2005) que diz ser o leitor, que, a partir do modo como o texto se encontra linguisticamente construído, das

sinalizações que lhe oferece, “das aberturas”, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção dos sentidos.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MORETTI, Fernando. *Aprenda a desenhar cartuns*. São Paulo: Criativo. 2012
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- RIANI-COSTA, Camilo Floriano. Linguagem & Cartum... Tá rindo do quê? In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador/BA: 1 a 5 de set de 2002.

## WEBREFERÊNCIAS

- <http://sintesenuaecrua.blogspot.com.br/2012/03/millor-fernandes-algumas-obras-dele.html>  
Acesso em 04/04/2014.
- <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians>. Acesso em 04/04/2014.
- <http://www.jb.com.br/fotos-e-videos/galeria/2012/03/28/veja-desenhos-e-textos-de-millor-fernandes-no-jornal-do-brasil/> Acesso em 04/04/2014.
- <http://espacoculturalcidadedolivro.blogspot.com.br/> Acesso em 07/04/2014.
- [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/03/noticias/a\\_gazeta/dia\\_a\\_dia/1169198-millor-outro-genio-se-vai.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/03/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/1169198-millor-outro-genio-se-vai.html) Acesso em 09/04/2014.

## NOTAS

---

\* Artigo produzido com dados do Trabalho de Conclusão de Curso do Letras – Faculdade Metropolitana.

<sup>i</sup> Graduado em Letras pela Faculdade Metropolitana. E-mail: jose\_15pvh@hotmail.com.

<sup>ii</sup> Docente da Faculdade Metropolitana. E-mail: enisiasoares@gmail.com.

<sup>iii</sup> Zivaldo Alves Pinto é um cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista e jornalista brasileiro.

<sup>iv</sup> Millôr Fernandes (1923-2012) foi um desenhista, humorista, tradutor, escritor e dramaturgo brasileiro.